

CONVERSA AO PÉ DO RÁDIO

Para o presidente,
o País não chegará
ao caos econômico

O presidente José Sarney disse ontem, em seu programa "Conversa ao pé do rádio", que existem segmentos não identificados interessados em desestabilizar o País, que "não fazem outra coisa senão anunciar o caos". Segundo afirmou, não há nenhuma justificativa macroeconômica para essa "campanha de anúncio e de profecia do caos". O presidente assinalou que a crise brasileira "não é uma crise das nossas estruturas econômicas mas do setor público, pela queda de suas receitas, pelas dívidas externa e interna". "O caos nunca chegará", disse. A seguir a fala do presidente Sarney:

"Brasileiras e brasileiros, bom-dia. Aqui vos fala o presidente Sarney. Esta é mais uma conversa ao pé do rádio das sextas-feiras. Hoje, dia 7 de julho de 1989.

Continuamos a ser vítimas de uma permanente onda de boatos de catastrofismo e profecias sobre hiperinflação. Aliás, eu já não estranho, porque desde que assumi o governo, como tenho dito, todo o dia, permanentemente, no sentido de desestabilizar o País, segmentos não perfeitamente identificados não fazem outra coisa senão anunciar o caos. Graças a Deus o caos nunca chegou e não chegará. O Brasil não é um País de caos. Embora tenhamos uma inflação alta, esta inflação indesejável, brutal, injusta e calamitosa que sou o primeiro a condenar.

A recessão não chegou. O desemprego é o mais baixo das últimas décadas, isto é, girando em torno de 3,8%. Não há nenhuma justificativa macroeconômica para essa campanha de anúncio e de profecia do caos. O déficit, por exemplo, não está pressionando as contas públicas. Cumprimos a nossa parte. Os que não cumpriram a sua é que dizem o contrário, mas os números estão aí: Pela Lei nº 7.730, que manda gastar somente o que se arrecadar, tínhamos folga para chegarmos a NCz\$ 8,437 bilhões no primeiro semestre. Pois bem, só gastamos NCz\$ 8,032 bilhões portanto, com uma economia de NCz\$ 400 milhões. São contas 30% mais baixas que em 1988.

E o melhor desempenho do Tesouro nos últimos anos. Aquilo que em 87 — para comparação — foi um déficit primário de 2,41, hoje é um superávit de 0,52, isto é, um superávit primário sem os juros. As exportações continuam no mesmo ritmo, a safra agrícola, de 72 milhões de toneladas, a maior da história do Brasil.

A crise brasileira, nós não podemos negar, não é uma crise das nossas estruturas econômicas, que estão sadias, mas é do setor público, pela queda das suas receitas, pela dívida externa e interna, crise que foi

agravada com os gastos nascidos da nova Constituição e os posteriores, votados pelo Congresso. São conquistas necessárias, mas inatingíveis sem a geração de recursos e a transferência efetiva de responsabilidades na concepção de uma nova federação.

Agora, eu reconheço que é natural a pergunta das brasileiras e brasileiros: presidente, e por que uma inflação tão alta? Tenho a dizer que ela não é pressionada pelo setor público, mas tem uma dose muito grande daquilo que Dionísio Dias Carneiro chamou de uma certa badalação do pânico e do oportunismo. Pânico que é induzido pela campanha psicológica das expectativas negativas, pelos especuladores que fazem um processo caótico de remarcação, oferecendo descontos altos, mas que mostram o preço irreal na etiqueta com a sementeira de insegurança que não deixa que o processo econômico e as medidas alcancem os seus objetivos.

Contou-me, por exemplo, um amigo meu que foi comprar uma injeção. Num dia pagou NCz\$ 50. No dia seguinte, foi tomar a mesma injeção e lhe pediram NCz\$ 100. Ele perguntou o motivo e veio a resposta: "O culpado é o Sarney". Ele não teve dúvidas em retrucar: "Você me rouba aqui como um ladrão comum e diz que o culpado é o Sarney? O que tem o Sarney com a sua especulação?"

Naturalmente perguntam também os senhores: e por que não se prende? Porque hoje, pela Constituição, ninguém pode ser preso a não ser por ordem judicial. Também devo reconhecer e proclamar que este não seria nunca um método eficaz. Seria um método policial, um método que não encontra uma correspondência nem com o meu temperamento nem com os procedimentos que devem existir numa democracia. O que se deve fazer, então? E você, brasileira e brasileiro, não comprar, resistir, comparar, pedir sempre a nota fiscal.

Quero comunicar que hoje viajarei para a Argentina, para assistir à posse do presidente Menem, que substituirá o presidente Alfonsín, que durante o meu governo ajudou muito na política de integração latino-americana.

Finalmente, minha mensagem permanente de otimismo. O Brasil é um grande país que não comporta nada de catástrofe nem corresponde a uma visão desse pessimismo grassante. Nós vamos levar a bom termo o barco. Tenho a certeza de que nestes quatro anos construiremos a terceira grande democracia do mundo, com uma poderosa sociedade democrática. Cumprirei o meu dever até o fim, presidirei as eleições com isenção, sem candidato. Esta é a quarta, deve relembrar. Passarei a faixa na data prevista, cumprindo a Constituição e esperando o julgamento da história. Muito obrigado e bom-dia".